



## Aqui há Som: Consciência Fonológica e Diversidade Textual

**Isabel Sofia Calvário Correia & Rita Maria Ribeiro Gonzalez**

icorreia@esec.pt, Escola Superior de Educação de Coimbra

rzgonzalez@gmail.com, Agrupamento de Escolas Manoel de  
Oliveira

## Resumo

O presente artigo centra-se na sugestão de atividades para o treino da consciência fonológica ao longo do primeiro ciclo de escolaridade. Parte-se de uma perspetiva articulada entre anos e ciclos de ensino, visando a exploração continuada e gradual deste domínio do Conhecimento Explícito da Língua. As abordagens propostas centram-se, sobretudo, no uso de diversas tipologias textuais para o trabalho efetivo e transversal da consciência fonológica.

**Palavras-Chave:** Consciência Fonológica; Diversidade Textual; Didática da Língua Portuguesa

## Abstract

This paper intends to suggest some activities centred on phonological awareness during primary school. Our proposal is based on a continuous and systematic practice of this dominium articulated with other contents taught in class. We propose some exercises based on various textual genre in order to make phonological awareness significant to teachers and students.

**Key-words:** Phonological Awareness; Texts; Portuguese Language

A Consciência Fonológica e a Consciência Fonémica, capacidade de identificar, segmentar e manipular unidades sonoras da língua<sup>16</sup>, têm vindo a ter uma presença cada vez mais efetiva nas salas de aula. De facto, diretrizes ministeriais como o Programa Nacional do Ensino do Português (PNEP, 2006-2010), os recentes Programas de Português para o Ensino Básico (PPEB, 2010) contribuíram decisivamente para que os docentes do primeiro ciclo percebessem que este domínio do Conhecimento Explícito da Língua (CEL) é fulcral para um sucesso real no ensino-aprendizagem da leitura e da escrita.

Todavia, como também está comprovado por diversa investigação, o treino desta competência deve ser precoce e gradual, isto é, deve atender-se ao desenvolvimento linguístico e cognitivo das crianças e também à natureza das unidades fónicas da língua. Apesar de terem sido os professores do primeiro ciclo o público-alvo dos programas acima mencionados, é imprescindível lembrar que o treino da consciência fonológica deve começar no pré-escolar, pelo menos a partir dos 4-5 anos de idade. Exercícios de discriminação auditiva farão com que a criança esteja desperta para os sons e seu isolamento e identificação. Nessa altura, as crianças estão também predispostas a perceber rimas e a efetuar a identificação- ainda que, por vezes, de forma não explícita- e segmentação silábicas. A unidade sílaba, conjunto de sons produzido numa emissão de voz, permite uma identificação mais imediata que o fonema, segmento mínimo e indivisível. O padrão silábico de mais fácil identificação é o que tem o formato consoante-vogal (CV), sendo também o mais recorrente e regular na língua portuguesa. Contudo, deve-se potenciar também o reconhecimento de padrões irregulares, como são os CCV; V; VC e VCG (glide). Esta identificação, se realizada no ensino pré-escolar, contribui para que as crianças estejam já atentas, na oralidade, a formatos irregulares que vão ter de decifrar na leitura e concretizar na escrita. Dependendo, evidentemente, do treino que for sendo feito com o grupo de crianças no pré-escolar e com a sua recetividade a estes exercícios, pode também abordar-se a identificação do fonema, o que potenciará nos alunos o reconhecimento de que vários sons podem corresponder a uma letra e vice-versa.

---

<sup>16</sup> Veja-se, para esta definição, por exemplo SILVA; Ana Cristina (2003), *Até à Descoberta do princípio Alfabético*, Coimbra, FCG e FCT e FREITAS, M<sup>a</sup> João & SANTOS, Ana Lúcia (2001), *Contar (histórias de) Sílabas*, Lisboa, Colibri.

Um dos objetivos que se espera que os alunos alcancem no final do primeiro e segundo anos de escolaridade é *ler com clareza textos variados com extensão e vocabulário adequados* (PPEB, 2009, p. 25). Para isso, como é sabido, deve começar-se pela decifração, ou seja, pela consciência da relação não unívoca entre fonema- grafema. Assim, é evidente que o treino da consciência fonológica<sup>17</sup> é fulcral nos primeiros anos de escolaridade. Se o aluno identifica, segmenta e manipula fonemas, mais facilmente os fará corresponder à mancha gráfica que tem de ler.

Uma outra meta que se espera alcançar neste ciclo de ensino é escrever textos curtos com respeito pelo tema, pelas regras básicas de ortografia e pontuação, assegurando a continuidade referencial e marcando abertura e fecho (PPEB, 2009, p. 26). Ora, a nosso ver, no que respeita à sistematização das regras ortográficas, o aluno terá mais sucesso se for direcionado para a descoberta de regularidades e irregularidades fonéticas que podem refletir-se nos textos. Assim será também conseguido o propósito de uma escrita escorreita, articulada com a capacidade de manipular e comparar dados para descobrir regularidades no funcionamento da língua (PPEB, 2009, p.25), objetivo plasmado no domínio do Conhecimento Explícito da Língua.

Como se vê, a consciência fonológica é uma capacidade transversal que pode ser articulada com vários domínios da língua portuguesa, o que permite que não seja necessário ocupar sempre um tempo isolado para o trabalho com a consciência fonológica. Aliás, a nosso ver, esta deve estar lado a lado com o ensino da decifração e da representação grafemática da língua.

Há diversos suportes e recursos materiais que podem efetivar a presença explícita destas unidades na prática letiva. A título de exemplo, sugerimos a manufatura de um quadro de sons, sempre presente na sala de aula, que os alunos vão construindo à medida que um novo grafema vai sendo introduzido. Assim, para a letra <a> deve haver uma casa específica nesse quadro (em cartolina, em tecido, ou noutro material que o docente considere apropriado) onde se colocarão desenhos ou imagens, etiquetados com a palavra correspondente, em que se evidencie os vários sons desse grafema. O uso sistemático deste recurso, conduzirá os discentes a perceber que não se fala como se escreve e que as letras e os sons não são um espelho fiel.

Para além deste recurso e de diversos jogos de linguagem que se centrem no treino da consciência fonológica, que podem ser encontrados em alguma bibliografia existente<sup>18</sup>, é importante relacionar este domínio do CEL com textos. O uso do património oral conservado em recolhidas escritas e adaptadas ao público infantil é muito importante. Provérbios, adivinhas, trava-línguas são materiais disponíveis que podem facilitar a aproximação à discriminação das unidades sonoras da língua de forma lúdica. Para além disso, é fundamental que se explore a vertente fonológica a partir de textos de autor. A título de exemplo, veja-se o poema de Cecília Meireles, “O Colar de Carolina” que abaixo transcrevemos:

*Com seu colar de coral,/Carolina/corre por entre as colunas/da colina./O colar de Carolina/colore o colo de cal,/torna corada a menina./E o sol, vendo aquela cor/do colar de Carolina,/põe coroas de coral/nas colunas da colina<sup>19</sup>.*

<sup>17</sup> Usamos a expressão consciência fonológica em sentido lato, ou seja, quer se fale do treino de unidades maiores como as sílabas ou de unidades menores, como o fonema.

<sup>18</sup> Veja-se, por exemplo, ADAMS, M, et al (2006), *Consciência Fonológica em Crianças Pequenas*, Porto Alegre, Artmed, FREITAS, Mª João & SANTOS, Ana Lúcia (2001), *Contar (histórias de) Sílabas*, Lisboa, Colibri e FREITAS; Mª João, ALVES, Dina & COSTA, Teresa (2007), *O Conhecimento da Língua: Desenvolver a Consciência Fonológica*. Lisboa: DGIDC

<sup>19</sup> MEIRELES, Cecília, ou Isto ou Aquilo, 1964. Poema retirado de <http://www.casadobruzo.com.br/poesia/c/colar.htm>, 20-04-2012

Numa primeira leitura, e considerando o trabalho em torno do Conhecimento Explícito da Língua, o som /k/ é o que mais se destaca no poema. Todavia, também é possível usar este texto para a identificação de padrões irregulares, nomeadamente sílabas com coda<sup>20</sup>, como **colar; cal; torna; sol; cor; coral**, para o reconhecimento e produção de rimas, para a identificação e manipulação do fonema //, que ondula de forma rítmica neste poema, entre variadas atividades que um texto poético facilmente espoleta.

Para além da possibilidade evidente de utilizar este recurso para a introdução do grafema <c> e respetivo fonema, pode-se também articular este poema com outro, para que a criança se aperceba de sons muito parecidos, apenas diferentes num traço. Referimo-nos ao texto de João Pedro Mésseder, “Letra, palavra”<sup>21</sup>. De facto, os sons /k/ e /g/ são ambos oclusivos e velares, apenas se distinguem pelo vozeamento. Esta característica faz com que se possam produzir vários pares mínimos<sup>22</sup> de palavras, como *cato/gato; cola/gola*, entre outros.

Começámos este breve artigo afirmando que a consciência fonológica é um domínio cada vez mais presente na prática letiva. Todavia, o que observamos pelo contato que temos com professores do primeiro ciclo é que na maioria das vezes a incidência nesta componente da língua portuguesa apenas é consistente no primeiro e, já com menos regularidade, no segundo anos. Para além disso, os materiais a que se recorre são, na maioria das vezes, da mesma natureza, ou seja, jogos de linguagem. Como acima exemplificámos, é perfeitamente possível explorar a consciência fonológica e fonémica através de textos literários. O recurso a obras de autor é fundamental na formação do aprendiz, mas, por serem raras, estes textos podem potenciar usos que vão além da compreensão leitora e da dimensão escrita. A gramática, onde se inclui a fonologia, é a língua, material de que são feitos os textos. Por isso, por que não usá-los para o treino efetivo e gradual da consciência fonológica?

Para além de textos de autor, é importante *ler diferentes tipos de textos e em suportes variados para obter informação e organizar conhecimento* (PPEB, 2009, p.26), objetivo que se quer atingir no final do terceiro e quarto anos. É também um ensejo que os alunos, para além de continuarem, como nos anos anteriores, a manipular as unidades da língua, respeitem **as diferentes variedades do português e [possam] reconhecer o português padrão como a norma que é preciso aprender e usar na escola e nas situações formais fora dela** (PPEB, 2009, p. 26, sublinhado nosso). O discente deve ainda **reconhecer diferentes registos de língua e compreender em que contextos devem ser usados** (PPEB, 2009, p.26, sublinhado nosso). Se atentarmos nestas diretrizes dos Programas de Português para o 3º e 4º anos do 1º ciclo, é difícil compreender por que razão não se trabalha a consciência fonológica nestes anos de escolaridade. As variedades dialetais são, também, variantes de um fonema, sons distintos de um mesmo grafema, representativos da nossa cultura e identidade. É fundamental que o docente compreenda que não deve apenas cingir o treino da vertente fonológica

<sup>20</sup> As sílabas podem ser constituídas por Ataque e Rima. O primeiro item diz respeito à consoante que ocorre à esquerda da Rima, como, por exemplo, o fonema /p/ na sílaba /pa/ de /patu/- <pato>, neste caso, sendo apenas uma consoante, designa-se ataque simples. Este constituinte intrassilábico pode não ocorrer como na palavra <água>, cuja primeira sílaba é apenas formada pela vogal /a/, ou seja, é um ataque vazio. Pode também ser ataque ramificado quando é composto por duas consoantes, nomeadamente uma oclusiva ou fricativa em conjunto com uma líquida. É o que se verifica no monossílabo <flo>, /fl/ ou na sílaba /pra/ de <prato>. A Rima é obrigatoriamente formada por um núcleo que pode ser constituído por uma vogal, como na sílaba /se/ de <sede> ou por um ditongo, como acontece em /paw/, ou seja, na grafia pau. Neste caso designa-se núcleo ramificado. Finalmente, a Rima pode ainda ter uma consoante à direita do núcleo, denominada coda, como no exemplo /kor/-<cor>. Para mais detalhes veja-se DUARTE, Inês (2000), *Língua Portuguesa. Instrumentos de Análise*, Lisboa, Universidade Aberta, e Freitas, Mª João & Santos, Ana Lúcia (2001), *Contar (histórias de) Sílabas*, Lisboa, Colibri.

<sup>21</sup> Mésseder, João Pedro (2003) *O g é um gato enroscado*. Lisboa: Caminho.

<sup>22</sup> Para a definição de par mínimo consulte-se, por exemplo, MATEUS, M. H. M., A. ANDRADE, M. C. VIANA e A. VILLALVA (1990), *Fonética, Fonologia e Morfologia do Português*. Lisboa: Universidade Aberta.

aos dois primeiros anos, nem confiná-lo a meras divisões silábicas ou memorizações e récitas, mais ou menos fiéis, de trava-línguas complexos. Como fazer então? Partir do aluno e daquilo que lhe pode ser significativo, levando em conta as normas dos documentos orientadores, e apresentar diversidade textual que leve o discente a refletir na sua língua e seus diferentes registos. Em seguida, apresentam-se algumas sugestões que visam o treino da consciência fonológica partindo de textos diversos, mais concretamente, textos instrucionais e publicitários.

O texto instrucional, que pode já começar a ser trabalhado no primeiro ano de escolaridade, visa fomentar no aluno a capacidade de não apenas compreender e seguir instruções, mas também de registar e planificar o escrito de forma organizada, isto é, um dos objetivos que se pretende conseguir no final do primeiro ciclo. Uma das formas textuais desta natureza é a tradicional receita culinária. Os discentes consideram este material apelativo pois, na maioria das vezes, ele é concretizável em actividades extra sala de aula. Porém, antes de se partir para os passos da confeção, é preciso ler a receita. Que doces se escondem por trás de uma já saborosa receita de bolo de chocolate?<sup>23</sup>:

### **Bolo de Chocolate da avó**

*4 ovos; 2 chávenas de açúcar; 2 chávenas de farinha; 1 chávena de água morna; 1 chávena de chocolate em pó (da Nestlé); 1 chávena de óleo; 1 colher de sopa de fermento em pó Royal*

*Misturar as gemas com a água morna, juntar depois o açúcar, mexendo bem, e depois adicionar o chocolate em pó, a farinha e o fermento. Mexer bem. Depois adicionar as claras em castelo e depois o óleo. Pôr em forma quadrada, em forno pré-aquecido, durante 25 a 30 minutos.*

Através deste texto podem trabalhar-se todas as unidades da consciência fonológica e fonémica, apenas deixamos algumas sugestões. Veja-se, para o terceiro e/ou quarto anos de escolaridade a descoberta de padrões CCV e CVC. O aluno teria de descobrir quais as palavras com estes formatos silábicos e depois produzir outras com padrão irregular idêntico (veja-se, na receita, a palavra “claras” e o vocábulo “castelo”). É também evidente a relação não unívoca grafema-fonema que se pode explorar partindo de palavras como “gemas”; juntar; açúcar, chocolate, mexer, entre várias. Nos exemplos apresentados é pertinente não apenas o valor do fonema /j/, mas também a contagem grafemas/fonemas que é discrepante.

Com esta receita pode ainda verificar-se os distintos valores da consoante <m>, aliterante nas primeiras linhas, *misturar as gemas com a água morna, juntar depois o açúcar, mexendo bem*, mas também como representante grafemático de ditongo nasal. É igualmente produtivo articular a vertente fonológica com a semântica e a morfologia, chamando a atenção dos alunos para o distinto fonema que ocorre em palavras homógrafas, como forma (que vai ao forno com o bolo) e forma (se o bolo é redondo ou quadrado) e para a mudança de fonema na formação de plural; um ovo/ quatro ovos. Partindo destes exemplos pode-se explorar outras palavras com fenómenos similares. Como última sugestão, os discentes poderiam partir de palavras da receita para compreenderem e produzirem pares mínimos como a *farinha* do bolo e a *varinha* mágica que se usa na sopa.

As linhas anteriores pretenderam apenas fornecer alguns exemplos de treino da consciência fonológica e fonémica a partir de um texto instrucional. Tentou-se evidenciar que é possível articular

<sup>23</sup> Receita retirada de Petiscos. com em <http://www.petiscos.com/smf/index.php?topic=12199.0>, consultado em 11-01-2011

este domínio do CEL, não apenas com a leitura e escrita, mas também transformá-lo em parte do tempo da aula, ao invés de o descontextualizar e isolar. Seguidamente, exemplifica-se outros exercícios partindo de suportes matérias distintos e de tipologias textuais diversas.

O mundo multimédia é cada vez mais parte do quotidiano das crianças. Desde muito cedo que o computador se torna num objeto com funcionalidades reconhecidas pela criança. Parece-nos, então, que será proveitoso partir de algo significativo para o aluno para abordar a consciência fonológica. Vamos observar alguns exemplos de spots publicitários, comuns na internet, no youtube, e na televisão.

Começamos pelo já clássico “meo, o comando é meu”<sup>24</sup>. O jogo fónico e gráfico é evidente, pois parte-se de palavras com sons muito semelhantes para se fazer o trocadilho semântico, ou seja, quem adere ao meo, possui (é meu) o comando dos canais de televisão. A partir deste exemplo pode-se trabalhar com os alunos a noção de falsas rimas, ou seja, sons muito semelhantes mas não iguais. Este anúncio publicitário pode fazer a ponte para textos do nosso património cultural, como o poema “Barca Bela”, de Almeida Garrett, onde há, também, falsas rimas. Pode-se também aproveitar esta publicidade para treinar os vários sons do <o> final.

Veja-se o também conhecido *slogan eu conto com o continente*<sup>25</sup> que pode ser usado não apenas para a homonímia, contar pode ser contextualmente “fazer contas” ou “confiar”, mas que fonologicamente apresenta a aliteração do som /k/, um bom exemplo para articular com o poema de Cecília Meireles que atrás mencionámos. A partir destes exemplos, pode-se pedir aos discentes que criem frases publicitárias com as mesmas características fonológicas, atividade que articula a consciência fonológica com a dimensão criativa e ortográfica da escrita.

Para além do recurso ao suporte vídeo, apelativo para os alunos e, como vimos, material passível de ser articulado com outros textos, pode-se partir para o treino da consciência fonológica através de materiais quotidianos, presentes nas casas de todos nós. Tomemos como mero exemplo a marca de comprimidos *CêGripe* e a respetiva frase publicitária, *se é Gripe... Cêgripe*. Por que não partir deste spot para a distinção entre os grafemas <s> e <c> que em determinados contextos têm o mesmo valor fónico? Para terminar esta lista de exemplos em torno da diversidade textual e seu aproveitamento didático, veja-se a frase que tem caracterizado a publicidade de um dos famosos festivais de verão: *Vens ver ou vens viver?* A frase aliterante que acabamos de reproduzir remete para a sensibilização à fricativa /v/, para a rima e, sobretudo, para o facto de que as frases são compostas por sons e se queremos que elas tenham impacto, é necessário termos consciência deles e capacidade para os manipular.

Em suma, é indispensável treinar gradualmente e ao longo do ensino básico e secundário a vertente fonológica da língua, como, aliás, se pode ler nos PPEB (2009):

*importa notar que, sendo certo que o conhecimento explícito da língua é transversal aos diferentes domínios, com disseminada incidência nas respectivas competências específicas (compreensão e expressão oral; leitura e escrita), também é certo que ele merece um cuidado especial e momentos de trabalho autónomo. Assim, de acordo com o que foi dito no texto preambular, há que reforçar a exigência do chamado conhecimento explícito da língua, nos vários estádios de desenvolvimento do ensino e da aprendizagem da língua e tendo em vista o ensino da gramática. (PPEB; 2009, p. 19)*

<sup>24</sup> Publicidade disponível em [http://www.youtube.com/watch\\_popup?v=Lq01hfzOyps&vq=medium#t=16http://](http://www.youtube.com/watch_popup?v=Lq01hfzOyps&vq=medium#t=16http://), consultada em 10-01-2011

<sup>25</sup> Publicidade disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=Lswp0HNHKJQ&NR=1>, consultada em 10-01-2010.

Para que efetivamente seja sublinhado o interesse e pertinência do treino fonológico gradual através de textos de vária tipologia, terminamos esta breve exposição com dois trabalhos realizados, respetivamente, por alunos do quarto e quinto anos de escolaridade. No primeiro caso (anexo1), a marca *iglo* sugeriu aos discentes a onomatopeia apropriada para o som dos peixes, mas, também, a reprodução onomatopaica do som que fazemos ao engolir alimentos. Como se vê, foi manipulando o som e seus valores que os alunos criaram uma frase publicitária eficaz. Para além do treino fonológico, e da sua sistematização, vê-se plasmado neste exercício a capacidade criativa e a dimensão escrita.

Idêntico trabalho tiveram os aprendentes do quinto ano de escolaridade que construíram uma frase para a publicidade ao champô *Elvive: porque ele vive* (anexo.2). Mais uma vez, veja-se que é a sistematização e mobilização de conhecimentos de consciência fonológica que potencia a criação deste trocadilho. Poder-se-ia também partir desta frase para que os alunos verificassem que os mesmos grafemas podem ser bastante distintos na nossa ou noutras línguas; poder-se-ia também treinar a fronteira de palavra e, num segundo momento e através de um texto poético, a métrica e o ritmo.

Como cremos que se pode verificar, a consciência fonológica não deve ser cristalizada em jogos linguísticos orais, mas pode partir de textos diversos, desde poemas, a textos instrucionais, narrativos, ou outros. O importante é que seja um treino efetivo e continuado para que se cumpra o *princípio da progressão, desde logo inerente a cada ciclo, mas sobretudo representado nos sucessivos e mais exigentes estádios de aprendizagem que a passagem de ciclo para ciclo evidencia.* (2009, PPEB, p.24).

### Referências Bibliográficas:

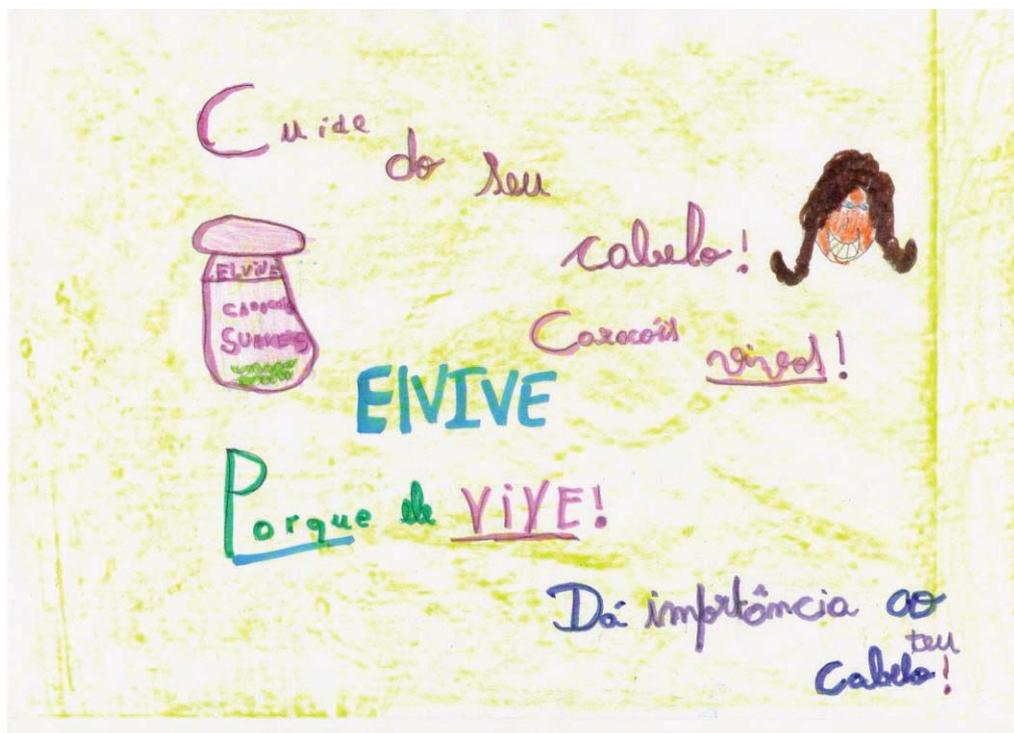
- Adams, M, et al (2006), *Consciência Fonológica em Crianças Pequenas*, Porto Alegre, Artmed.
- Correia, Isabel (2011), "Isso não soa bem: A consciência Fonológica do lado de Lá", *Livro de Actas do 1º Encontro Internacional do Ensino do Português*, Exedra, <http://www.exedrajournal.com/docs/02/11-Isabecorreia.pdf>.
- Duarte, Inês (2000), *Língua Portuguesa. Instrumentos de Análise*, Lisboa, Universidade Aberta.
- Freitas, Mª João & Santos, Ana Lúcia (2001), *Contar (histórias de) Sílabas*, Lisboa, Colibri.
- Freitas; Mª João, Alves, Dina & Costa, Teresa (2007), *O Conhecimento da Língua: Desenvolver a Consciência Fonológica*. Lisboa: DGIDC.
- Gillon, Gail, *Phonological Awareness. From Research to Practice*, London, The Gilford Press, 2007.
- Mateus, M. H. M., A. Andrade, M. C. Viana e A. Villalva (1990), *Fonética, Fonologia e Morfologia do Português*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Reis, Carlos (coord. 2009), *Programas de Português do Ensino Básico*, Lisboa, DGIDC, 2009.
- Silva; Ana Cristina (2003), *Até à Descoberta do princípio Alfabético*, Coimbra, FCG e FCT.
- Viana, F., L. (2002), *Da linguagem oral à leitura: construção e validação do teste de identificação de competências linguísticas*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação para a Ciência e a Tecnologia.



Anexo 1:

Trabalho realizado por um grupo de alunos do 4º ano de escolaridade.

Anexo 2:



Trabalho realizado por um grupo de alunos do 5º ano de escolaridade.